

C O N V O C A T O R I A

ANTIPODA
REVISTA DE ANTROPOLOGÍA Y ARQUEOLOGÍA

Edital: As etnografias feministas podem existir? O lugar das emoções e do corpo na construção do conhecimento antropológico

Editores convidados (em ordem alfabética): Deborah Daich (Universidad de Buenos Aires, Argentina), Tania Pérez-Bustos (Universidad Nacional de Colombia), Susana Rostagnol (Universidad de la República, Uruguai).

Neste número da revista *Antípoda*, procura-se retomar o debate proposto no final dos anos oitenta por Judith Stacey sobre os paradoxos de um trabalho etnográfico que, ao mesmo tempo que favorece uma produção de conhecimento antropológico de tipo feminista –isto é, que propicia a construção de solidariedade, empatia e cuidado ao longo do trabalho de campo–, também promove um conhecimento etnográfico profundamente patriarcal, sustentado sobre relações de exploração e abandono entre os atores (humanos e mais que humanos) que produzem e são produzidos pela etnografia. Estando de um ou de outro lado desse paradoxo, a etnografia é configurada por corpos e emoções, torna-se corpos e emoções.

Um aspecto particularmente característico da etnografia feminista se estabelece justamente em sua recusa à separação entre o político e o pessoal, entre a razão e a emoção, recuperando as experiências dos que pesquisam, ressaltando a importância dos corpos, das corporalidades e das emoções na produção de conhecimento. Por essa razão, neste número da revista *Antípoda*, interessa-nos evidenciar etnografias que (se) sentem, etnografias que (se) doem, etnografias que (se) tocam para, a partir delas, questionar e, ainda, preencher de sentido a possibilidade de uma política feminista no conhecimento antropológico.

Além de retomar a necessária discussão sobre as relações de poder que configuram o trabalho etnográfico e a forma como estas estão configuradas pelo gênero, este dossiê se interessa em perguntar quais emoções e quais corpos giram em torno dos paradoxos nos quais essas relações de poder se configuram e como fazem isso; também, como, nesse vai e vem, foi desenvolvida uma etnografia feminista hoje, quais seriam suas condições de pluralidade, seus desafios e suas características: as etnografias feministas existem? Como são possíveis? Quais corpos se transformam nelas? Como as etnografias feministas são incorporadas? De que forma a frustração, a ira, o nojo, o desejo ou a felicidade configuram o trabalho de campo? Como essas (ou outras) emoções chegam a fazer (ou não) parte dos textos etnográficos? Quais intimidades são tecidas entre quem pesquisa e o que é pesquisado? Quão legítimo (ou não) é que a etnografia seja essas intimidades? Quais pedagogias possibilitam a construção de etnografias nas quais os corpos e as emoções acompanham o estar etnográfico e aqueles textos que o estabilizam? Quais não?

A *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología* convida a comunidade acadêmica a submeter artigos do dia **1º de maio** ao dia **30 de junho de 2018**, para as seções temáticas de seu número 34 (maio-agosto de 2019). Serão recebidos documentos pela plataforma de recepção de artigos, cujo link se encontra na página web da *Antípoda*. A Revista aceita textos em espanhol, inglês e português. Toda a informação sobre o processo editorial e as instruções aos autores está disponível na nossa página web: [Instruções aos autores](#)